

Subcontagem das emissões de metano da pecuária norte-americana



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

Autor: Angela - Meio Ambiente

Nova análise indica subcontagem das emissões de metano da pecuária norte-americana.

As emissões de metano do gado norte-americano podem ser rotineiramente subestimadas, de acordo com uma nova análise feita por pesquisadores da NYU e da Universidade Johns Hopkins.

As emissões de metano do gado norte-americano podem ser rotineiramente subestimadas, uma nova análise feita por pesquisadores da Universidade de Nova York e da Universidade Johns Hopkins. O trabalho também observa que nos países em desenvolvimento, onde a pecuária está se tornando cada vez mais industrializada, as emissões de metano podem aumentar mais do que o esperado.

Essas avaliações são baseadas em uma revisão, publicada na revista Environmental Research Letters, de oito estudos existentes.

O metano é um gás do aquecimento global ainda mais poderoso do que o CO₂. Sua quantidade e tempo de vida na atmosfera são menores do que o CO₂, mas as quantidades ainda estão aumentando, de acordo com relatórios recentes. As Nações Unidas recomendaram, em um estudo de maio/2021, que reduzir as emissões de metano é uma forma altamente eficaz de reduzir rapidamente o aquecimento global.

Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos/EPA relata essas emissões em um inventário nacional de gases de efeito estufa todos os anos, usando modelos complexos. Pesquisadores escrevem os métodos existentes que a EPA e outras agências internacionais usam para estimar as emissões de metano de animais não são corroborados pela medição das concentrações do gás no ar.

Essa omissão é significativa.

Alguns estudos anteriores monitoraram o metano diretamente no ar usando torres altas, aviões e satélites, coletados acima e a favor do vento de instalações de produção animal. A recente análise do Environmental Research Letters compilou e revisou vários desses estudos atmosféricos na América do Norte na última década. Esses estudos encontraram consistentemente mais metano do que a EPA e outras agências esperavam vindo da pecuária, em quantidades que variam de 39% a 90% mais altas do que o estimado anteriormente.

'Em 2013, descobrimos que as emissões atmosféricas de metano eram mais altas da pecuária e das regiões produtoras de petróleo e gás do que a EPA estava relatando', diz Scot Miller, professor assistente da Universidade Johns Hopkins e coautor do artigo Environmental Research Letters. 'Desde então, os modelos e as medidas atmosféricas não parecem muito mais próximos de um acordo. É cada vez mais provável que as emissões de metano de animais de criação possam ser maiores na América do Norte do que frequentemente relatado'.

O metano vem da digestão de vacas e ovelhas, bem como de estoques de esterco de todos os animais de criação. Nos Estados Unidos e Canadá, a produção animal é quase totalmente divorciada de outras práticas agrícolas, como a produção agrícola. Porcos e galinhas são criados em galpões lotados e seu estrume é armazenado em grandes estoques. As vacas leiteiras são amontoadas em salas de ordenha e produzem mais esterco do que algumas cidades pequenas.

Essas mudanças industrializadas na criação de animais permitem que os produtores usem menos alimentos como feno, milho e soja, o que significa menos recursos necessários nas fazendas. Há muito tempo que a comunidade científica acredita que isso também se traduz em menores emissões de gases de efeito estufa.

'Os produtores de carne e laticínios da América do Norte costumam apregoar melhorias em sua eficiência, alegando que rações concentradas e confinamento reduziram muito as emissões de gases de efeito estufa nas últimas décadas', observa Matthew Hayek, professor assistente do Departamento de Estudos Ambientais da NYU e coautor do papel. 'Nossas descobertas colocam essas afirmações em dúvida. Vacas individuais podem arrotar e emitir menos, mas isso não se traduz necessariamente em rebanhos inteiros e armazéns de animais confinados e seus estoques de esterco, emitindo menos'.

Essas avaliações também têm importância internacional, observam os autores. Desde a reinserção no Acordo de Paris em 2021, os EUA estão se preparando para reduzir as emissões de todos os gases de efeito estufa, incluindo os da pecuária.

'Esta pesquisa indica a necessidade de reexaminar ou melhorar os métodos de relato do metano, que são essenciais para monitorar o progresso ao longo do tempo', diz Hayek.

Cocho automatizado mede gases de efeito estufa na bovinocultura.

Um alimentador de última geração é a mais nova tecnologia usada para medir, com maior rapidez e precisão, a emissão de gases de efeito estufa/GEE dos bovinos, e a **Embrapa** foi a primeira instituição na América Latina a utilizá-lo. O cocho automatizado mede a emissão de metano/CH₄ e gás carbônico/CO₂ dos animais e tem sido utilizado por pesquisadores da **Embrapa Pecuária Sudeste**/SP. Batizado de GreenFeed, o equipamento reconhece o animal pelo brinco eletrônico assim que a cabeça entra no cocho. No mesmo momento, um exaustor aspira e mede a cada segundo os gases emitidos durante a alimentação. Desse modo, é possível monitorar individualmente as taxas de emissão ao longo do tempo.

Outros países também podem ter motivos para preocupação no futuro. Por exemplo, em toda a Ásia, o consumo de carne e laticínios está aumentando, e essa produção está se tornando cada vez mais industrializada, mostra um relatório investigativo de 2020. A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação previu anteriormente que as emissões de animais do Leste e Sudeste Asiático atingirão o pico por volta de 2030 porque a eficiência tecnológica ao estilo dos EUA na Ásia poderia reduzir as emissões posteriormente.

As descobertas relatadas nas Cartas de Pesquisa Ambiental , no entanto, indicam que as emissões podem, na verdade, continuar a aumentar até o ano de 2050.

'Isso prejudicaria ainda mais as metas internacionais de limitar o aquecimento global, ultrapassando 1,5°C ou 2°C ainda mais rapidamente do que o esperado', disse Miller.

Os autores destacam o papel das agências internacionais, bancos de desenvolvimento e corporações em acelerar a transição para a produção agrícola animal industrial.

'Essa evidência sugere que os bancos e agências governamentais que estão financiando a expansão intensiva de instalações para animais podem estar aceitando mais riscos climáticos do que imaginam', disse Hayek. 'Os formuladores de políticas devem considerar as emissões de metano junto com uma gama de outras questões ambientais importantes decorrentes da produção concentrada de carne e laticínios, incluindo poluição da água e doenças infecciosas transmitidas por animais, para informar as políticas que orientam os sistemas alimentares em uma direção melhor.

As fontes globais de metano incluem combustível fóssil e combustão de biomassa, agricultura (principalmente pecuária), decomposição de resíduos em aterros e decomposição natural em áreas úmidas.

Alimentar as vacas com um pouco de algas marinhas por dia pode reduzir drasticamente sua contribuição para as mudanças climáticas.

O metano é um gás de efeito estufa de curta duração, mas poderoso, e o segundo maior contribuinte para a mudança climática depois do dióxido de carbono. E a maioria das emissões de metano induzidas pelo homem vem da pecuária.

Cerca de 70% do metano agrícola vem da fermentação entérica - reações químicas nos estômagos de vacas e outros animais de pasto à medida que decompõem as plantas. Os animais arrotam a maior parte desse metano e passam o resto como flatulência. (ecodebate)